



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ANTONIA JULIANA OLIVEIRA CRUZ

**PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS NO RAP: UMA
ANÁLISE DA CENA DE FORTALEZA/CE**

Acarape - Ceará

2018

ANTONIA JULIANA OLIVEIRA CRUZ

**PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS NO RAP: UMA
ANÁLISE DA CENA DE FORTALEZA/CE**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Professora Dra. Janaína Lobo

Acarape - Ceará

2018

SUMÁRIO

1.APRESENTAÇÃO.....	04
2.JUSTIFICATIVA.....	06
3.DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DE PESQUISA.....	08
4.OBJETIVOS.....	09
4.1.OBJETIVO GERAL.....	09
4.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	09
5.HIPÓTESE.....	10
6.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
6.1. MÚSICA: INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, CLASSE E RAÇA.....	11
6.2. MULHER E A PRODUÇÃO NO RAP.....	12
6.3. RAP NO CEARÁ.....	16
7.METODOLOGIA.....	18
7.1.TIPO DE MÉTODO.....	18
7.2.TÉCNICAS UTILIZADAS.....	19
7.3.LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	20
7.4.DESCRICÃO DOS PARTICIPANTES.....	20
8.REFERÊNCIAS.....	21

1 APRESENTAÇÃO

De antemão, é necessário compreendermos que o movimento hip-hop popularizou-se no Brasil a partir da década de 80, com a força do movimento negro que estava com mais abertura para discutir pautas políticas, pós-ditadura (OLIVEIRA, 2017). O movimento hip-hop é composto por cinco elementos, são eles: os grafiteiros e grafiteiras, os e as dançarinos (as), os quais são denominados de *b.boy* e *b.girl*, os e as dj's, abreviação do termo “disc-jóquei” e os mestres de cerimônia, os cantores os quais podem ser chamados de Mc ou rapper (MATSUNAGA, 2008). O quinto elemento seria o rap, abreviatura para ritmo e poesia, do inglês, *rhythmandpoetry*. De acordo com REIS (2007, p.9):

“[...] Esse tipo de música, de forma geral, com muito mais informação do que melodia, foi considerado, a princípio, como a representação de um discurso de resistência daqueles que lutavam contra a opressão social e, sobretudo, contra o preconceito racial.”

Desde sua origem o rap vem passando por mudanças, inclusive no público consumidor, começando a atingir as classes mais altas, saindo um pouco da periferia. Mesmo mantendo, em sua maioria, a ideologia de protesto, quando os adolescentes de classe média alta consomem esse tipo de música a ideia é, provavelmente, apenas seguir o que está na mídia (REIS, 2007, p. 10).

Partindo de uma perspectiva feminista, a ideia de trabalhar com este tema surgiu a partir das frequentes perguntas “e a produção feminina no rap”? E a produção de mulheres negras no rap?” Essas dúvidas inquietam, pois é notável dois pontos muito importantes: a invisibilidade da mulher negra na sociedade e o não reconhecimento de sua produção artística em um movimento que foi criado pelo próprio povo negro.

Jovens negros e latinos, frente ao desemprego e a violência, (re)elaboraram suas práticas culturais e iniciaram manifestações artísticas que permitiram a construção de um sistema simbólico que orientava suas vivências e atitudes forjando o que posteriormente foi chamado de movimento hip hop (SILVA, 1999, apoudMATSUNAGA, 2008).

Ao pensar as opressões sofridas pelas classes menos favorecidas e marginalizadas pela sociedade, temos um leque de discriminações sociais. O caso se agrava quando falamos de mulher, fica ainda mais crítico quando se trata de mulher negra¹. O rap no entanto, tem

¹ Quando as opressões se cruzam, chamamos de interseccionalidade. Quando a classe social, a cor, possíveis deficiências, o gênero, entre outras categorias de discriminação agem juntas sobre

como objetivo protestar contra as opressões e injustiças postas pelo Estado, em especial. Porém, não se liberta dos valores de uma sociedade problemática, na qual o machismo, assim como o racismo, são estruturais. Dessa forma, mesmo em um movimento onde o objetivo é romper paradigmas e preconceitos e lutar por uma sociedade mais equânime, a mulher ao se inserir nesse cenário, encontra-se em um espaço onde sua voz não é escutada e sua presença, por vezes, é invisibilizada.

O posicionamento político, o de raça e a classe social continuam presentes nas letras de rap, as mensagens, principalmente neste período pós golpe e luta contra o fascismo no qual estamos, permanecem bastante impactantes. Entretanto, neste trabalho tenho como foco o gênero. Em outras palavras, o discurso muitas vezes machista existente no rap que acaba obstaculizando a participação efetiva da mulher negra rapper. Por mais que seja um gênero musical tido como forma de resistência da periferia e do povo negro, homens rappers, simpatizantes do movimento hip-hop, consumidores da música rap, produtores, dentre outros, estão muitas vezes presos nas amarras do machismo estrutural e acabam por inviabilizar ou dificultar o trabalho da mulher negra dentro deste espaço.

Ao longo deste trabalho, como metodologia, buscarei fazer entrevistas não-diretivas e acompanhá-las em diferentes espaços para compreender o papel da mulher rapper, bem como os possíveis obstáculos que são impostos por uma estrutura machista. Minha intenção é realizar esta pesquisa através do olhar sobre mulheres rappers de Fortaleza/CE. Meu contato com tais personagens da pesquisa, cabe dizer, foi oportunizado através de uma primeira aproximação, feita na Unilab, quando algumas rappers estiveram nesta Universidade para participarem de uma oficina sobre o movimento Hip Hop. Tal oportunidade, na I Semana Acadêmica do Bacharelado em Humanidades, realizada em 23/08/2018, foi crucial para a consecução desta pesquisa, uma vez que me colocou em contato com um grupo de mulheres que fazem, produzem e investem na carreira de rappers em Fortaleza.

Portanto, tenho como objetivo a pesquisa entre mulheres rappers. Me proponho a deixar as mcs falarem: a partir da polifonia dessas vozes quero entender como essas mulheres se sentem desafiadas a inverter a lógica da invisibilização. Citarei algumas músicas de mulheres negras e rappers de diversos Estados do Brasil. Através dessas produções seguirei

determinado indivíduo. Nesse caso, estou falando de mulheres (gênero) negras (raça) e periféricas (classe).

uma análise que busca compreender a trajetória social de tais mulheres e traçar marcadores importantes em comum que contribuem e/ou dificultam a vida das mesmas.

2 JUSTIFICATIVA

Produzido e consumido pelo público negro, o rap age como linguagem dos povos marginalizados, compondo um dos cinco elementos que constitui o movimento hip-hop, que são compostos pelos mcs, o grafite, o break, que é a dança de rua, o/a dj, e o então rap, isso em concordância com os autores citados por Matsunaga (2008), em seu artigo: *As representações sociais da mulher no movimento hip-hop*.

Em meio às desigualdades que cercam homens e mulheres este projeto busca fazer uma análise dentro do rap, um espaço que é, ainda, consideravelmente ocupado em sua maioria por homens (SANTOS, 2015, s/p).

“[...] observações realizadas em uma revista impressa intitulada Rap Nacional, em um site www.hiphopmulher.com.br, [e] em vídeos de rap na internet. A análise de tais veículos de comunicação revelou que a quantidade de cantores do sexo masculino é bem maior que o número de mulheres cantantes de rap no Brasil”.

Sendo algo da cultura do povo negro e periférico, que tem como objetivo principal denunciar injustiças sociais, esse mesmo espaço, de lazer e luta, também é cercado por machismo: os problemas de gênero que afetam toda sociedade também agem de forma intensa dentro do rap, muitas vezes inviabilizando a plena participação das mulheres rappers. A ascensão feminina negra no rap por vezes é tão rara e desvalorizada como é nos outros meios sociais.

Diante do problema estrutural do racismo e as relações de classe que são postas dificultando e tirando a importância das vidas negras, que é algo sempre colocado ou mencionado nas letras de rap, a interseccionalidade faz com que a mulher negra que está inserida neste meio sofra muito mais com essas coalisões por conta do gênero. E de acordo com Crenshaw (2004, p.12) “[...] o peso combinado das estruturas de raça e das estruturas de gênero marginaliza as mulheres que estão na base”. A pirâmide que há na sociedade onde os homens brancos estão no topo com as mulheres brancas vindo abaixo, e os homens negros depois, deixando as mulheres negras na base, não se desfaz ao chegar no rap, por vezes o discurso da mulher negra mc é apagado pelo machismo existente nesse espaço, dificultando a trajetória social das mulheres negras e rappers.

Para compreender a trajetória dessas mulheres que estão presentes no rap também usarei como objeto de estudo algumas músicas, apresentando o contexto no qual estão inseridas e que cooperam para entendermos o quão importante é a representatividade feminina no rap. Analisar o discurso dessas rappers e ver o que elas repassam em suas letras é de fundamental importância para compreendermos a trajetória social das mulheres negras que estão ali. Além de trazer suas vozes, as quais serão alcançadas por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa.

Cabe mencionar ainda, no que tange aos problemas de gênero, que temas como a objetificação do corpo feminino, machismo, racismo, padrão de beleza, política, e o abandono de companheiros após uma gravidez são algumas das asserções presentes, de modo recorrente, em composições musicais femininas. A música *Negro drama* do grupo Racionais Mcs, por exemplo, um dos grupos mais importantes do Brasil, fala sobre como é ser preto, pobre, da favela e todos os desafios que são postos na trajetória de vida desses sujeitos. Mulheres ouvem esse relato e se identificam em parte, mas continuam sentindo falta de algo, pois elas ouvem um homem falando para outro homem, é diferente quando é uma mulher que está com o microfone na mão rimando o que elas vivem cotidianamente. De acordo com a rapper Drik Barbosa, “é muito importante você ouvir de uma outra mulher que ela entende o que você sente, tá ligado? É uma parada diferente de um cara falar pra você que ele entende.”².

Por outro lado, o mesmo grupo de rap, tem a música *Mulheres Vulgares*, lançada em 1993, a qual taxa as feministas de inúteis com ideias repugnantes, mulheres que não passam de interesseiras. Já no ano de 2014, o líder do grupo, Mano Brown, em entrevista³ afirmou se arrependeu do rap machista que produzia, chegando a pedir para não tocar mais esse tipo de música. Ainda:

Embora seja patente o caráter contraditório da produção dos grupos de *rap*, cujas letras podem expressar posições sexistas e às vezes apenas ingenuamente românticas, revelando diferentes modos de pensar que orientam a visão sobre o *rap*, não há dúvida de que, para se candidatarem e permanecerem na cena *rapper*, os músicos têm que

²Rapper Drik Barbosa durante participação no quadro “Explicando linhas” do canal no youtuber Gênio Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/xblBCrTevo0>>. Acesso em 01 out. 2018.

³Rapper Mano Brown em entrevista à “Trip TV”. Disponível em: <<https://youtu.be/LjUiDoQE9o?list=PLakxIbFUma0Qx4QnN5VDCDbvV-O9u54rR>>. Acesso em 01 out. 2018.

ativar um repertório suficientemente fornido de mensagens políticas de contestação do *status quo* e de denúncia social, na maioria das vezes bastante elaboradas (Moreno & Almeida, 2009, p. 134).

Assim, vê-se que o rap - gênero musical que se funda na perspectiva da contestação da ordem hegemônica e em denúncia à desigualdade social - também reproduz estruturas machistas e patriarcais. Entender tal espaço, tomando a voz das mulheres como ponto de partida, nos fará aceder a camadas de significados antes ocultas: é necessário conhecer para combater a desigualdade incrustada nesses espaços, mesmo os que se pressupõem mais desconstruídos.

3 DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DE PESQUISA

Será pesquisado o cotidiano da mulher negra rapper com o intuito de realizar uma análise de sua trajetória social e participação para ascender no Rap. Tendo em vista que, apesar de ser um gênero musical que busca contestar problemáticas sociais, ainda é, em sua maioria composto por homens, os quais muitas vezes representam a estrutura machista e patriarcal da sociedade. Machismo este que dificulta, ou mesmo, impossibilita o protagonismo da mulher negra no rap.

Nos referimos à mulher negra, pois esta está na base da pirâmide social na qual homens brancos, negros e mulheres brancas estão acima na ordem dita. Tal conjuntura nos remete ao movimento hip hop no qual temos o elemento rap, gênero musical marcado por ser em sua essência, algo que confronta os padrões impostos pela sociedade, bem como as discriminações e problemas sociais, ainda assim, reproduz muitas vezes um legado machista.

Nesse sentido, nos perguntamos sobre onde se encontram as mulheres no rap, como se posicionam, do que falam em suas letras de músicas. Bem como quais são os processos para se inserir neste cenário do rap brasileiro, da mesma maneira que buscaremos saber como se dá a relação dessa mulher rapper com a família, se há apoio da parte dos mesmos. Traçar as trajetórias sociais pensando a partir dos marcadores de gênero, raça e classe, associando as vivências em comum entre elas.

A pesquisa será realizada sob o olhar das rappers de Fortaleza/CE a respeito das condições de processo de produção musical e eventos a elas proporcionados, tomando a trajetória social dessas mulheres para compreender a atuação e presença no Rap. Buscando, portanto, situar o contexto social no qual estão inseridas, trazendo para este trabalho suas

letras de raps para uma apresentação do que é recorrente em suas vidas, cujo reflexo está nas composições.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Analisar a trajetória social, a participação e o protagonismo de mulheres negras que estão inseridas no movimento hip-hop, em específico, as rappers de Fortaleza, Ceará.

4.2 Objetivos específicos

- Propor uma reflexão sobre a representatividade feminina negra dentro do rap;
- Analisar a produção sonoro-expressiva de mulheres negras que estão inseridas no rap;
- Examinar o contexto musical e social no qual essas mulheres estão inseridas;
- Explorar a trajetória social de mulheres negras e rappers, com vistas a situar tais trajetórias frente às condições concretas de existência a elas subjacentes;
- Investigar a cena musical de mulheres negras rappers em Fortaleza/CE.

5 HIPÓTESE

O rap é um espaço ocupado majoritariamente por homens, com pouca representatividade e escasso protagonismo de mulheres negras, ainda que tal gênero tenha se fundado sob uma perspectiva de contestação da ordem vigente, o que poderíamos pressupor que aí estariam incluídos os questionamentos de estruturas machistas e patriarcais. Parto da hipótese que, em grande medida, contraditoriamente, o rap reproduz tais estruturas, as quais, muitas vezes, podem obstaculizar a efetiva participação de mulheres nesse cenário, em especial, de mulheres negras.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

6.1 Música: intersecções entre gênero, classe e raça.

O movimento hip hop surgiu em meados dos anos 70 nas periferias dos Estados Unidos através dos imigrantes negros, latinos e, posteriormente, os jamaicanos com os *soundsystems*, que possibilitaram o som e a aglomeração em qualquer local, dessa forma, jovens se reuniam para rimar, grafitar e dançar. Cabe salientar que em meio às manifestações artísticas aconteciam avisos de interesse coletivo (OLIVEIRA, 2011). A partir dos anos 80 o movimento popularizou-se no Brasil através do *breakdance*;

No Brasil o hip hop chega a partir dos anos 80, se tornando bastante popular entre os jovens das periferias brasileiras. No contexto nordestino, o hip hop também surge nessa mesma época, inicialmente através do break, pela atuação dos B-boys, os dançarinos. Uma das razões para que o hip hop no Brasil tenha se iniciado através do break é a exibição nos cinemas de vários filmes musicais norte-americanos. (RODRIGUES, 2013, p. 26)

Dentre os cinco elementos do movimento hip-hop, o rap se torna o mais popular, pelo fato de possuir em sua essência letras de cunho político, buscando protestar contra as injustiças sociais. Entretanto, assim como afirma Matsunaga (2008), as composições musicais masculinas são mais amplas, abrangendo questões mais sociais, a classe por exemplo. Já nas produções de mulheres o que predomina são suas experiências pessoais.

Se compararmos as produções entre homens e mulheres, percebemos que as letras escritas por mulheres falam sobre suas experiências pessoais, quem são, onde vivem, revelando como se vêem, como constroem suas identidades. As letras dos homens possuem um conteúdo, de forma geral, mais abrangente, acontecimentos que ocorreram no bairro, com outros e com eles mesmos. Esta forma de construção de narrativas, porém, não é “exclusividade” dos homens (Nega Gizza possui letras mais abrangentes), mas está mais presente na produção destes. Podemos pensar que esta distinção fornece dados sobre como as mulheres exercem em sua fala o direito de expressar sobre suas próprias experiências (MATSUNAGA, 2008, p. 110).

Isso permite que mulheres rappers tragam em suas letras vivências de uma outra forma de olhar o mundo, com isso quero chegar em um ponto crucial para entendermos a rapper negra, que é a interseccionalidade que ocorre com a mesma neste cenário. As

dificuldades observadas para uma legítima e satisfatória participação da mulher no movimento hip hop, em específico na produção do rap, o preconceito existente acerca do gênero e da cor, por vezes, atingem diretamente a mulher negra. Restringindo ainda mais seu espaço de atuação.

Como aponta Kimberlé Crenshaw (2004), a interseccionalidade advém da sobreposição das categorias de discriminação. Comumente as discriminações estão divididas em classe, raça, gênero, deficiências e idade, e assim são julgadas, separadamente. Crenshaw nos apresenta um exemplo da interseccionalidade ao citar um caso jurídico envolvendo a empresa General Motors, acusada de não contratar mulheres negras, pois apenas contratava homens negros e mulheres brancas. No caso os homens negros eram direcionados para trabalhos como montagem e as mulheres brancas iam para funções tidas como femininas. Assim, mulheres negras passavam pelas duas discriminações. Ao pensarmos os impactos dessas coalisões nos deparamos com os lugares que ocupamos de forma geral na sociedade, em como o racismo e o sexismo interfere diretamente em nossas vidas. Mulheres negras estão na base da sociedade, mulheres pobres estão ao lado, mulheres negras e pobres estão no centro sob a hierarquização das diferentes e interligadas formas de opressão.

Sabido que o rap é pertencente da cultura negra, e em sua essência dando voz para a periferia, uma população que está às margens da sociedade, encontramos mulheres negras que persistem em seguir uma carreira neste meio, porém encontram-se no centro das colisões citadas anteriormente, passando por diversas categorias de discriminações. Um espaço imaginado como para desconstrução vê-se ainda seguindo um modelo de relações de poder presente em nossa sociedade, onde a hierarquização das opressões muitas vezes não permite a rapper negra atuar de forma ativa nesse contexto.

6.2 Mulher e a produção no RAP

A mulher negra carrega em sua bagagem a sexualização de seu corpo, o racismo e o machismo como a herança deixada pela escravidão. De acordo com Babi (2017), como a mulher negra servia para os trabalhos domésticos, foi de certa forma mais fácil encontrar emprego pós-abolição, desde então sua imagem além de hipersexualizada, é vista como a empregada que serve a família branca. Muitas vezes não sendo valorizada pelo seu trabalho, sendo paga com alimentação ou um quartinho para dormir.

Ainda que a mulher negra tenha se inserido no mercado de trabalho da nova sociedade capitalista, foi marginalizada, por conta de sua atividade: o trabalho doméstico. Um trabalho que nem sempre era remunerado, pois muitas vezes era “pago” com alojamento e comida. (BABI, 2017, p.90)

Assim como diz Lélia Gonzalez (1984) quando associa a mulher negra a mucama, denominação para a escrava que servia para os trabalhos da casa. Esta função não teve um fim, apenas se reconfigurou, a atual doméstica é a então mucama de tempos atrás. Há uma forte discriminação quanto à mulher negra de classe média, mesmo quando ela é educada e bem vestida, pois essas são características associadas às brancas. Essa discriminação se agrava quando nos referimos a uma negra periférica, pois além da classe existe a repressão policial que atinge os homens de sua família, pois estão constantemente sendo perseguidos ou mortos por serem vistos e interpretados como malandros e bandidos. Essa perseguição é naturalizada assim como a mulher negra é vista como a empregada doméstica, com essa discriminação naturalizada não se reconhece o racismo existente, mas muitos o sentem.

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país). (GONZALEZ, 1984)

Além do machismo atingindo mulheres brancas e negras, a mulher negra também sofre quando colide com o racismo. Neste caso do trabalho doméstico, há a hierarquização das opressões dentro da casa, pois mesmo com as mulheres brancas e negras sendo oprimidas pelo machismo, a branca manda e a negra obedece, uma é patroa e a outra empregada, uma questão de classe, gênero e raça. O que reflete até os dias atuais em nossa sociedade, com diversos estereótipos e discriminações para com a mulher negra.

Pensando a interseccionalidade que ocorre, onde frequentemente é a mulher negra que está no centro do cruzamento das opressões, vivenciando o racismo e machismo (dentre outras discriminações em diferentes casos) que o Movimento Negro a partir da década de 80

começou a desenvolver estratégias para a melhoria de vida para as mulheres negras (BABI, 2017).

As reivindicações do próprio movimento negro também são questionadas, na medida em que se restringem à questão étnico-racial, ignorando o fato de que a mulher negra não é oprimida só pelo racismo, mas também pelo machismo. O feminismo negro cresce cada vez mais no país, produzindo discursos em que os sentidos atribuídos para a negritude se entrecruzam com a condição de mulher. Esse tipo de feminismo ocupa hoje um lugar importante nas periferias, em que as mulheres negras têm alto índice de presença, e tem se transformado em objeto do discurso das mulheres no rap e no hip hop. (BABI, 2017, p. 91).

O feminismo negro está presente nas letras de raps feitas por mulheres, e dentre os diversos temas recorrentes podemos citar, por exemplo, como colocam a beleza da pele preta em evidência, valorizando suas raízes e se reafirmando como mulher negra, protegendo assim a auto-estima, a sua própria e de quem consome sua música.

Contudo, entre os elementos do hip hop, o rap é o que tem menos protagonismo feminino. Em grupos de rap de homens e mulheres, as mulheres geralmente ficam com o papel de *backing vocal*. Apesar de sempre estarem presentes, atuam mais como consumidoras da música rap, acompanhantes dos rappers ou a mãe que é idealizada por muitos homens que participam do movimento hip hop, provavelmente pela experiência de muitos não possuírem a figura paterna presente em suas vidas (LIMA, 2005 *apoud* RODRIGUES, 2013).

“Dentro do Movimento Hip Hop, a maior parte das produções musicais, os raps, são realizadas por homens. [...] a presença feminina tem tido pouca repercussão, no entanto apesar de pouco visibilizadas, as mulheres têm estado presentes dentro do movimento, tanto como produtoras como também consumidoras da cultura Hip Hop.” (SOUZA, 2010 *apoud* RODRIGUES, 2013)

Assim como acontece em outros meios de trabalho, como o serviço doméstico citado anteriormente, regularmente mulheres não são reconhecidas por seus trabalhos como Mc's, sendo convidadas para cantarem em shows sem cachê ou em troca de favores, como afirmou a rapper Carolina Rebouças em um roda de conversa sobre o movimento hip hop realizado na Unilab. Segundo a rapper, além da falta de pagamento também são comuns os convites para participações apenas para ser “a voz feminina do grupo” em algum refrão.

Diante as barreiras para se apresentarem em eventos de rap, Santos (2012) afirma que mulheres acabam por usar vestimentas e gestos mais masculinos para deste modo alcançarem mais visibilidade para suas músicas, dessa forma adotando uma postura mais séria para que seu trabalho seja divulgado.

Noto no rap pelo menos dois lados sobre o modo como as mulheres pensam os seus corpos nas suas apresentações nos palcos. Um desses lados é que elas se sentem mais livres durante suas performances, isso pelo fato de hoje não ser mais obrigatório usarem as roupas dos homens, como foi no início do rap no Brasil. O outro lado é a forma como elas pensam que seus corpos não devem usar roupas que as deixem sensuais, mas somente femininas, ser sensual e/ou sexual no rap é um ponto de tensão social. (SANTOS, 2012)

De acordo com a rapper Nega Ana, o Cumades do Rap⁴, grupo o qual faz parte, começou quebrando o padrão de roupas durante os shows, pois decidiram não se masculinizar para serem aceitas.

Tendo em vista que homens e mulheres no campo do rap possuem comportamentos corporais diferentes uns dos outros, mas que esse estilo musical é cantado com a utilização de movimentos físicos dominados mais pelos homens, para as mulheres realizarem seus objetivos de produzir e divulgar seus raps, elas são levadas a pensarem em mais de uma estratégia artística para atingirem essa finalidade. Noto o modo como a maioria delas não querem usar, em todos os espaços, seus corpos do mesmo modo que os homens. (SANTOS, 2012)

Segundo algumas rappers citadas por Lima (2005) em *Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap*, a aparência é algo bastante relevante entre os envolvidos no rap, pois pelo fato de ser produzido e consumido em sua maioria por homens, as mulheres buscam usar roupas masculinizadas para serem aceitas mais facilmente. Ao contrário de Dina Di, que “[...] deixa explícito o fato de sempre querer crescer dentro do cenário rap nacional. Para isso, ela anula a mulher Viviane e se veste de rapper a moda masculina” (LIMA, 2005, p.98) a rapper Sharylaine optou desde o início de sua carreira por roupas femininas e cor de rosa para diferenciar-se dos homens.

Justamente para se diferenciar dos homens e se mostrar feminina, Sharylaine começou a usar peças de roupa cor-de-rosa e até ganhou um apelido por isso: Pantera cor-de-rosa. (LIMA, 2005, p. 99)

⁴Primeiro grupo formado apenas por mulheres no Ceará.

Ainda de acordo com Lima, a rapper afirma vestir-se de forma feminina por saber que era respeitada, pois já havia conquistado seu espaço no cenário do rap. Sharylaine é considerada a pioneira no rap nacional, fundou o primeiro grupo feminino no Brasil na década de 80. Lembrada por Rappin Hood na dissertação de Lima, o mesmo diz que Sharylaine foi a primeira que ele viu “bater na lata de lixo”, uma expressão usada para os que batiam nas latas de lixo a fim de reproduzir o som base para as rimas, já que na época não havia muito acesso a aparelhos de som.

Ao observarmos as rappers da nova escola do rap nacional, podemos notar que além de muitas optarem pelo estilo hip hopper de roupas largas, são várias as que não deixam as roupas mais afeminadas como shorts ou blusas curtas de lado por causa da opinião do público masculino. As mesmas também possuem letras de raps carregadas de uma mensagem de forte impacto onde nota-se diversas referências e reivindicações independente da aparência ou roupa que estejam usando, entretanto o mercado continua sendo mais acessível para os homens rappers.

6.3 Rap no Ceará

Por uma questão cultural o gênero musical mais popular no Ceará é o forró⁵, entretanto, jovens abraçam o rap como forma de expressão e resistência. A música rap chegou ao Estado do Ceará na década de 80, logo após sua popularização nos Estados Unidos e chegada ao Brasil, em um primeiro momento no Estado de São Paulo, e posteriormente difundindo-se em outras localidades do país (ESSINGER, 2000 *apud* OLIVERIA, 2017).

O surgimento do HIP HOP em Fortaleza se confunde a criação do MH2O (movimento hip hop organizado). Que nasce em meados de 1990 (final da década de 80), a partir da união do grupo do movimento estudantil [...] (SANTOS, 2008, p. 7)

Como afirma Santos (2008) em sua pesquisa, o hip hop em Fortaleza acontece no mesmo período do surgimento do Movimento Hip Hop Organizado, onde jovens que dançavam break, jovens que cantavam a música rap e militantes não encontravam espaço para se manifestarem, diante disso, uniram-se, se organizando.

⁵Segundo a plataforma Spotify, o Forró é o gênero musical mais ouvido no Ceará. Disponível em: <<http://www.verdinha.com.br/entretenimento/17762/forro-e-o-genero-mais-ouvido-ceara-aponta-mapa-spotify/>> Acesso em 07 out. 2018.

Os rappers mais conhecidos do Ceará são RAPadura e Don L, os dois artistas cresceram pelas ruas de Fortaleza e fazem sucesso nacionalmente. Atualmente na capital cearense o rap é algo bastante consumido pelos jovens. Acontecendo diversos shows ao ano com rappers de outros estados e participação dos artistas locais, contudo, mesmo com um grande público feminino é pouca a atuação de mulheres rappers nestes shows.

Apesar disso, Nega Ana, mulher negra e rapper, criou o primeiro grupo de rap composto apenas por mulheres no Ceará, o então “Cumades do Rap”. A rapper, em sua fala durante encontro na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira⁶, que ocorreu no dia 07/08/2018, clarifica o nome do grupo nos apontando o “cumade” como comadre, algo próximo da família, como também uma gíria Fortalezaense para se referir à mulher. Segundo Nega Ana o movimento hip hop possibilitou uma nova visão de mundo para a garota periférica que era, através do movimento teve contato com a política, arte, cultura, problemas sociais e passou a se enxergar como mulher negra. Nesse meio tempo percebeu também a dificuldade que era para se posicionar no movimento que era em sua maioria participantes homens e mais velhos que ela dentro do hip hop. Diante a dificuldade para ter voz neste espaço, passou a discutir gênero dentro do movimento, em um primeiro momento apenas com mulheres.

Em meio às dificuldades para apresentar os trabalhos artísticos femininos, o grupo começou a promover eventos só para mulheres, intitulado como “Batalha 8 de março”, no qual acontecia batalhas de rima, grafites e breakdance. Este então se torna o primeiro evento no hip hop só para mulheres no Estado do Ceará. Nega Ana afirma que é preciso ter mulheres escrevendo letras de rap, que cantem suas vivências e que meninas tenham referências dentro do gênero musical.

A aproximação do rap com os movimentos de mulheres fez com que a rapper fundasse a ONG Movimento LaFEME, que para além de discussões políticas se propõe a realizar ações em comunidades de Fortaleza, pensando a partir de um feminismo periférico. A ONG atua em parceria com a Força Hip-Hop, que surgiu a partir do MH20, conforme Fragoso (2011), após a saída de vários filiados do Movimento Hip Hop Organizado, ex-membros como também pessoas que não faziam parte anteriormente, deram início a Força Hip Hop, no ano de 2008 em Fortaleza, realizando atividades que se desenvolvem em uma

⁶Encontro do Projeto de Extensão Cartografia de Corpos Negros e Narrativas, formação com o tema “Educação, Gênero e Feminismo Periférico” realizado no dia 07 de mar. 2018. Na UNILAB com a convidada Nega Ana.

ligação entre a capital do Ceará, algumas cidades do interior e o Rio de Janeiro. A Força Hip Hop tem sua ênfase no break, contudo há os adeptos do rap e do grafite, integrantes participam de ensaios diários, promovem eventos culturais e organizam manifestações políticas.

Na sede da Força Hip Hop, no Conjunto São Francisco, observa-se a prática diária e intensa do rap, break e grafite com ênfase maior na dança break. Eles realizam freqüentemente vários “eventos” culturais e políticos que servem como momentos de ação comunitária, embasam campanhas políticas (como a realizada contra a redução da maioria penal) e levantam questionamentos sobre, por exemplo, a posição subalterna da mulher e o resgate do jovem pobre da periferia da via do crime e das drogas. (FRAGOSO, 2011, p. 26)

7 METODOLOGIA

7.1 Tipo de método

O presente projeto de pesquisa visa explorar a trajetória social de mulheres negras que estão inseridas no rap, propondo uma reflexão sobre a representatividade da mulher negra neste cenário. Para isso será utilizado o método qualitativo, método este que tem como proposta o adensamento das informações, além de contemplar a subjetividade, propiciando pesquisas humanizadas. Ainda, tal método busca registrar as informações a partir do ponto de vista das pessoas, deixando-as mais a vontade para apresentarem suas perspectivas e vivências, a partir disso o pesquisador irá interpretar os dados que foram coletados. Com a abordagem qualitativa procura-se estabelecer uma relação entre quem entrevista e quem é entrevistado, para assim obter informações consistentes.

A pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural. O pesquisador qualitativo sempre vai ao local (casa, escritório) onde está o participante para conduzir a pesquisa. Isso permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes. (CRESWELL, 2007, p. 187)

Assim como afirma Creswell, a pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural para os entrevistados e são eles que direcionam a entrevista. Através do método qualitativo, o pesquisador, ao se inserir no campo, deve estabelecer uma relação harmoniosa com os entrevistados, para que dessa forma obtenha o máximo de informações possíveis. Livre para

adaptar-se ao campo, o pesquisador partirá de um roteiro de questões semi-estruturadas, onde poderá fazer alterações conforme necessário no decorrer da entrevista.

Partindo da premissa de que essas mulheres que farão parte da pesquisa estão sob uma intersecção de opressões como classe, raça e gênero, a pesquisa buscará situar o contexto ao qual estão inseridas bem como relacionar as vivências de cada uma, o que faz com que o método qualitativo seja o adequado para a realização de tais objetivos. Por ser uma pesquisa na qual pretendo fazer entrevistas com o propósito de saber sobre os impactos do machismo e sexismo na vida das rappers, falarei brevemente sobre as técnicas que adotarei.

7.2 Técnicas Utilizadas

Ancoradas na observação participante, as técnicas empreendidas na escrita que serão utilizadas neste trabalho compreendem as notas de campo e diários de campo. Como o diário de campo é escrito após a observação, a escritura depende da memória do pesquisador. Nesse sentido, as notas de campo auxiliam a rememoração que traz à luz o vivido no momento da escrita.

Com o intuito de registrar imagens do espaço, seus agentes e instrumentos implicados nos fazeres cotidianos, lançarei mão de recursos audiovisuais. Não apenas um recurso analítico, as fotos e vídeos são importantes registros para as rappers. Além disso, em um primeiro momento, são decisivos na constituição de laços de confiança, pois as imagens registradas durante o trabalho de campo serão integralmente devolvidas as retratadas.

Inicialmente, as entrevistas⁷ não serão gravadas, dado o frequente constrangimento com o instrumento de gravação durante os diálogos.

De fato, é somente com a presença do pesquisador em campo; ir, permanecer, voltar e retornar; que o conhecimento, cuja atividade é de impregnação lenta e contínua, poderá ser acessado. Assim, o trabalho de campo é pensado muito mais em termos de uma convivência densa e prolongada com as mulheres rappers, com a experiência da alteridade se alargando com a presença cotidiana do pesquisador no universo do Outro. Sob essa perspectiva, acredito que a pesquisa pode se constituir a partir de olhares partilhados, rompendo com uma

⁷Opto, quando necessário, pela entrevista não-diretiva. No entanto, as entrevistas não são frequentemente utilizadas. Apóio-me em diálogos corriqueiros e informais, nos quais o interlocutor demonstra mais tranquilidade para narrar suas experiências.

concepção calcada em assimetrias. A análise dos dados também corresponderá a normas êmicas de entendimento.

7.3 Local de realização da pesquisa

Pretende-se realizar a pesquisa com as mulheres negras que exercem o papel de rapper na cidade de Fortaleza/CE. Para compreendermos melhor o contexto social onde estão inseridas é importante situar a região, onde a população estimada da capital em 2018 é de 2.643.247, e a sua densidade demográfica referindo-se a 7.786,44 hab/km², segundo o último censo feito em 2010, de acordo com o IBGE. O que configura uma má distribuição de renda e alto índice de desigualdade social, influenciando a violência na cidade, conforme afirma (OLIVEIRA, 2017, p.27). A capital cearense está entre as cidades mais violentas do mundo, ocupando a sétima posição, segundo a ONG mexicana Conselho Cidadão para Segurança Pública e Justiça Penal, em reportagem do G1. Fortaleza também ocupa o terceiro lugar no ranking de violência doméstica em cidades nordestinas, em dados divulgados em uma parceria da Universidade Federal do Ceará (UFC), Instituto Maria da Penha e a ONU Mulheres em 2017. As denúncias contra o racismo também são preocupantes, originando a *hashtag* #NaFortalezaRacista onde usuários de redes sociais, em especial o facebook, relataram casos de racismo na cidade, a campanha aconteceu no mês de junho de 2018, como informa a reportagem do jornal O Povo Online. Os jovens, em maioria, periféricos, alegam que o racismo vem se naturalizando e as instituições não escondem a discriminação, tornando-se algo cotidiano, atingindo tanto homens como mulheres.

7.4 Descrição dos participantes

As pessoas a serem entrevistadas e observadas devem ser as rappers residentes de Fortaleza, mulheres que se reconheçam como negras e participem de forma ativa no cenário do rap fortalezense, que atuem de forma autônoma ou inserida em grupos. Não havendo estimativa para idades, as participantes têm de por espontaneidade apresentar suas histórias de vida envolvendo-se com a proposta da pesquisa, que busca saber sobre suas vivências a partir da premissa de que o machismo existente no rap dificulta o seu protagonismo, assim como saber sobre o contexto o qual estão inseridas e suas relações interpessoais. Desse modo as relações entre as mesmas, o conteúdo de suas composições musicais e o meio onde estão, serão interpretados no processo de análise.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, A. R. S. **RAP: A alternativa de resistência às estigmatizações sociais**. 2017.
- MATSUNAGA, Priscila S. **As representações sociais da mulher no movimento hip-hop**. *Psicol. Soc.*, Abr 2008, vol.20, no.1, p.108-116. 2008.
- REIS, S. M. **O RAP na mídia: discurso de resistência?** 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Taubaté, Taubaté.
- SANTOS, Sandra Mara P. dos. **Relações de Gênero no Cenário do Rap Brasileiro: mulheres negras e brancas**. 2012.
- CRENSHAW, Kimberle W. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem. 2004.
- EXPLICANDO linhas, Drik Barbora, "Camélia". *Genius Brasil*. Disponível em: <<https://youtu.be/xblBCrTevo0>> 18 mai. 2018. Acesso em 01 out. 2018.
- MANO Brown e Francisco Bosco discutem lugar de fala e apropriação cultural. *Trip TV*. Disponível em: <<https://youtu.be/LjUiDoQEb9o?list=PLakxIbFUma0Ox4QnN5VDCDBvV-09u54rR>> 15 dez. 2017. Acesso em 01 out. 2018.
- OLIVEIRA, Roberto C. de. **Música e política: percepções da vida social brasileira no rap**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- RODRIGUES, Maria N. M. **Jovens mulheres rappers: Reflexões sobre gênero e geração no Movimento Hip Hop**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- BABI, Y. A. **A cor da resistência: os sentidos em torno da negritude no discurso do rap cubano e do rap brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto.
- GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura Brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- LIMA, Mariana Semião de. **Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap**. 2005.
- VERDINHA. **Forró é o gênero mais ouvido no Ceará, aponta mapa do Spotify**. Disponível em: <<http://www.verdinha.com.br/entretenimento/17762/forro-e-o-genero-mais-ouvido-ceara-aponta-mapa-spotify/>> 16 Jul. 2015. Acesso em 07 out. 2018.
- FRAGOSO, Tiago de O. **Convivialidade e performance na experiência estética dos jovens hip hoppers da Força Hip Hop em Fortaleza**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- G1. **Fortaleza é a sétima cidade mais violenta do mundo, diz ONG do México**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/fortaleza-e-a-setima-cidade-mais-violenta-do-mundo-diz-ong-do-mexico.ghtml>> 08 mar. 2018. Acesso em: 26 out. 2018.
- DÍARIO do Nordeste. **Ceará é o 3º no Nordeste em violência contra a mulher**. Disponível em: <<http://diarionordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/ceara-e-o-3-do-nordeste-em-violencia-contra-mulher-1.1855533>> 24 nov. 2017. Acesso em: 26 out. 2018.
- NEGROS denunciam preconceito, sobretudo na periferia, com hashtag #NaFortalezaRacista**. *O Povo online*. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/06/puxada-pelo-movimento-negro-de-fortaleza-hashtag-denunciando-racismo.html>> 20 jun. 2018. Acesso em: 26 out. 2018.